



Dados - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 0011-5258

dados@iesp.uerj.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Almeida Mendes de, Candido
Edmundo, seu texto, seu silêncio
Dados - Revista de Ciências Sociais, vol. 44, núm. 1, 2001, p. 0
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21844101>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DADOS

Edmundo, seu Texto, seu Silêncio

Candido Mendes de Almeida

Edmundo Campos Coelho ao ir para o hospital mal arrumou a escrivaninha, deixado na gaveta o original do primeiro livro de contos. Já testara a entrega deste secretíssimo imaginário, passando a Wanderley o seu "Ao Mestre, com Carinho"^{*}. Na fortaleza do silêncio e no agreste de sua vida escondida – maior reserva de intimidade que já deparei – completara toda uma trajetória da cabeça. Ascese, a sua, do ofício desbordado do *scholar*, que encontrara nas ciências sociais o casulo.

É impossível reconstituir-se o mosaico desta aventura interior deixada ao olho implacável do próprio perfeccionismo. Os contos rematariam o despontar final de uma escrita, no sentido mais exigente, e tão para além dos desencargos da comunicação científica. Na gaveta rematava-se a rota da proeza de Edmundo a se centrar, afinal, como um universo, na própria mesa de trabalho, orbitada por uma trajetória mais ambiciosa de conhecimento e descoberta, exaurido o profissionalismo da investigação sociológica.

Largava as grandes pistas do sucesso óbvio, que só dependesse da busca de dados, já suntuária; do excesso das certezas, bem pavimentadas; das hipóteses jubiladas de estudo, e do preciosismo dos distingos sem risco. Foi de início à temática da violência justamente no que tinha de assombração à sua análise bem comportada. *A Oficina do Diabo*^{**} não é apenas o estudo, na plenitude, do microcosmo carcerário. Engasta-se no mesmo horizonte da arquitetura das seclussões, de Foucault; dos exílios, em suas distâncias internas, da Sociedade Complexa.

Venceu os enfoques da violência como tema-limite da dita organização coletiva, e da marginalidade que secrete, suscetíveis, ainda da excelência monográfica, no bom trato com que a nossa geração deu como tranqüilas as premissas do desenvolvimento ou da modernização, como fatos sociais totais. Tal a senda, tal o tiro, o difícil, e o deu Edmundo. Devemos-lhe – para o benefício do nosso IUPERJ – a mirada mais rica para buscar os temas-nervo, que fogem à vulgata dos estudos sobre processos ou estruturas coletivas.

Este mineiro atávico, mais que duro, resistente da mesma caverna de São Jerônimo sempre renunciou às satisfações do *dixit* sobre as nossas ciências sociais – como a dos mistérios gozosos na meditação cristã – que permitiriam, a meio diagnóstico, a meia retórica de todos os florilégios, discussões como a da ideologia, a do comportamento partidário no Brasil, ou dos aliancismos eleitorais. Edmundo desenhou, na sua exaustiva implicação de estrutura, o país corporativo num traço dificilmente emulável à força da incisão histórica e da armadura teórica. Mostrou-o o seu estudo sobre os militares em momento crítico das deformações fáceis que permitia, à época, a maré cheia do autoritarismo das Forças Armadas.

Volúpia, a do nosso professor, como a dos santos nas suas grutas, ou por sobre a coluna da solidão majestática, desfrutada como a posse de uma "segunda natureza" do pensador, tão só para desfrute-e-escarmento de quem o faz, quase sem romper a placenta da ruminação. Não dava a conhecer a obra em curso; furtava-se das resenhas do que publicava; fugia, sem os sintomas de uma contravida, das noites de autógrafos ou das tertúlias sobre o que sabia e não deixava para ninguém crítica mais contundente que a da própria e perene insatisfação.

Nesse seu dar-se à obra, no veio de estudo do estamento brasileiro, completou *As Profissões Imperiais*^{***}. Não se dissocia, no resultado, o definitivo da exposição, do entalhe do texto. Vai à frente da frase a orquestração da partitura, talvez sem que o percebesse o autor. E quem pôde, como Edmundo, juntando a ciência ao melhor dizer, melhor urdir em cenarística grega o enlace da profissão com a ribalta do espaço público imperial? Pode ritmá-la, na dramática interna, do pródomo a catástase. E passa a pé enxuto, da margem do discurso científico ao literário, na mesma temeridade criadora de Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda.

Deixando a obra à reclusão feroz, rigor no sono e na vigília, dominou, em *maitrise* absoluta os próximos passos. Tal como um sonâmbulo seguro, que repete acordado, à menor, o que já demarcou como rota. Não se permitiu o desfrute de *As Profissões Imperiais*, como nunca fez praça de *A Oficina do Diabo*, nem da riqueza de toda obra intermédia, como que sempre prisioneira do claustro da própria meditação.

Deixava às aulas, do dar-se do melhor da inquirição, o sulco do relevo verrumando o dado, ou da atualização do repertório de um conhecer, da melhor angústia criadora. Perseguia a nossa realidade esquiva, sua faena, seu idiomático, suas assincronias por sobre as eficácias do diagnóstico, ou da receita

DADOS

das totalizações, a que se vê quase condenada a sociologia do excesso da pesquisa, para a pobreza da verdadeira hermenêutica de nosso tempo.

O trunfo que fica, para a Casa, é o deste Edmundo áspero, todo o contrário das alegres companhias ou dos informalismos de confessorário. Repta a nossa ciência menina e sua solenidade defensiva: a dos conhecidos álbis do apelo direto – a esconder o campo magro do que estudam – às indulgências plenárias das multidisciplinaridades, ou do socorro urgente do *status* epistemológico do que afirma, ou da sobredeterminação que imobilize os seus enunciados.

As Profissões Imperiais excedem a demasia da inteligência e disciplina, a colocar o seu resultado na estante régia das proezas da cabeça brasileira. Edmundo prescindiu dos vestígios da faina, do caminho do ensaio e erro prévio; do trancamento das hipóteses malogradas; dos recomeços, sem concessão. O texto flui, à grande ensaística das interpretações, no traço largo de um Azevedo Amaral ou de um José Maria dos Santos. E a *maitrise* não castra a inspiração e o vôo do praticante *in camera*, das *belles lettres*. Não conheço na produção atual das ciências sociais brasileiras quem mais tenha trabalhado o pensar à marca do texto. O cumprimento da façanha dava-lhe o direito de virar a página e explorar o imaginário que já cumprira a estiva do real. A doença feria-o, então. Mas quem o acompanhou sabe do quanto a purga interior e a cogitação já à obra levavam-no adiante, quase imune, na aventura dos seus silêncios do quarto de hospital, a soltar-se por inteiro das servidões da doença.

Encontrava um aconchego entre a dor e a espera, a máquina latente do pensar impondo-se até a respiração como uma tarefa já adiante e em curso. O sofrer terminava ao lado, descartado por esta vida interior obstinada, suscetível de espantar as cobranças do corpo. Aberração e quase artifício o que impôs a morte no mais além passado à obra pela cabeça inflexível. "Vamos para casa", disse Edmundo a Magda, à véspera de falecer. Sem transigência abrigava-se no novo, deixado nas gavetas, como ganho desta vida subtraída aos jogos feitos, tal como o que pode a ascese, no seu artefato perene.

* "Crônica da Sociologia Assassinada ou ao Mestre, com Carinho". Insight/Inteligência, ano III, nº 11, out./dez., 2000.

** A Oficina do Diabo: Crise e Conflitos no Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987.

***As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 1999.